



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA INSTITUTO
FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO TOCANTINS.
CAMPUS ARAGUATINS
CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

PEDRO HENRIQUE VIEIRA DA SILVA

ATUAÇÃO DO PROFESSOR EM ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO
FUNDAMENTAL DO COLÉGIO MILITAR, AUGUSTINÓPOLIS, TOCANTINS,
BRASIL

ARAGUATINS-TO

2022

PEDRO HENRIQUE VIEIRA DA SILVA

**ATUAÇÃO DO PROFESSOR EM ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO
FUNDAMENTAL DO COLÉGIO MILITAR, AUGUSTINÓPOLIS, TOCANTINS,
BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Ciências Biológicas do Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins,
Campus Araguatins, como exigência à obtenção
do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Me. Maria Josinete Araújo
Costa

Co-orientadora: Profa. Me. Quitéria Costa de
Alcântara Oliveira

**ARAGUATINS-TO
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

S586a Silva, Pedro Henrique Vieira da
Atuação do professor em orientação sexual no Ensino
Fundamental do Colégio Militar, Augustinópolis, Tocantins, Brasil /
Pedro Henrique Vieira da Silva. – Araguatins, TO, 2022.
51 p. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências
Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Tocantins, Campus Araguatins, Araguatins, TO, 2022.

Orientadora: Ma. Maria Josinete Araújo Costa
Coorientadora: Ma. Quitéria Costa de Alcântara Oliveira

1. Orientação sexual. 2. Professores. 3. Sexualidade. I. Costa,
Maria Josinete Araújo. II. Oliveira, Quitéria Costa de Alcântara. III.
Título.

CDD 570

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).**



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
Campus Araguatins

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: ATUAÇÃO DO PROFESSOR EM ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLEGIO MILITAR, AUGUSTINOPOLIS, TOCANTINS, BRASIL.

AUTOR: Pedro Henrique Vieira da Silva
ORIENTADORA: Profª Ma. Maria Josinete Araujo Costa
Co-Orientadora: Profª. Ma. Quitéria Costa de Alcântara Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, *Campus Araguatins*, como parte das exigências para a conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Aprovada em 23 de novembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Josinete Araujo Costa, Coordenador**, em 23/11/2022, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Quiteria Costa de Alcantara Oliveira, Servidora**, em 23/11/2022, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSE MENDES DE MENEZES JUNIOR, Usuário Externo**, em 23/11/2022, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.iftoc.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1814228** e o código CRC **C878CA6B**.

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, a minha família pelo apoio, e aos meus amigos e colegas de sala pelo incentivo em não desistir no meio do processo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por tudo que ele tem me proporcionado.

À minha família por todo apoio, em especial aos meus avós, senhor Claro e dona Regina.

Aos meus colegas e amigos da turma 2018.1, por sempre um ajudar ao outro principalmente nos momentos mais difíceis. Em especial ao “bonde de Augustinópolis”, Deyvilla, Aparecida, Cleiton e Kerley.

A minha orientadora, Profa. Dr. Maria Josinete, por ter aceito me orientar no meio da escrita no projeto, obrigado.

A minha co-orientadora, Profa. Me. Quitéria de Alcântara, que se dispôs a me orientar na escrita do pré-projeto, obrigado.

Ao coordenador e orientadora de ensino da escola campo da pesquisa que me ajudaram na aplicação dos questionário e entrevista. E a todos os que tiraram um tempo para participar da pesquisa.

Agradeço a todos que de forma direta ou indireta colaboraram com este trabalho.

“O diálogo cria base para colaboração”

-Paulo Freire

RESUMO

Sexualidade é pauta social desde o início dos tempos e tornou-se uma temática discutida no ambiente escolar desde o século XVIII. Após a ditadura militar a sexualidade entra no currículo escolar com o termo orientação sexual através dos PCNs, com a definição de ser um tema transversal, perpassando por todos os componentes curriculares, levando a discussão do tema para sala de aula, no intuito de mobilizar profissionais da educação e família para sistematizar ações pedagógicas no trato de questões referentes as manifestações da sexualidade. O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de identificar as habilidades e competências docentes necessárias para trabalhar a temática de orientação sexual junto aos alunos do Ensino Fundamental, e, descrever como os professores participantes da pesquisa sentem-se em trabalhar orientação sexual na escola. A proposta foi desenvolvida no Colégio Militar do Estado do Tocantins – CMTTO, município de Augustinópolis-TO, adotando-se uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, em consonância com um levantamento de material bibliográfico e documental. Na coleta de dados foi aplicado um questionário aos professores com perguntas sobre a abordagem dessa temática na escola, além de uma entrevista com a coordenação pedagógica, orientação educacional e direção, para conhecer o posicionamento deles sobre a inserção da temática em estudo no currículo escolar. O questionário foi aplicado utilizando a ferramenta digital *Google Forms*, os links foram enviados aos participantes via WhatssApp. O ponto mais citado pelos professores foi a dificuldade de trabalhar com os alunos sobre o tema, seja por falta de um preparo ou por considerar um tema delicado. Outro ponto bastante mencionado foi a atribuição da temática ser somente da família e não da escola. A maioria dos participantes reconhece a importância da orientação sexual em sala de aula e estão abertos em participar de uma capacitação na área. Espera-se com os resultados do trabalho possam despertar nos professores a necessidade de um aprimoramento na área e que as escolas incluam em seu PPP atividades de orientação sexual.

Palavras-chave: Orientação sexual. Professores. Sexualidade. Aprimoramento. Escola.

ABSTRACT

Sexuality has been a social agenda since the beginning of the days in which it has become a matter of public problem, being a school concern since the eighteenth century. Manifestations of sexuality. The present work aims to analyze the collected data to analyze the skills and competencies teachers in working with sexual orientation with elementary school students, analyzing whether teachers feel confidence in addressing the theme and what their point of view regarding sexual orientation at school. The proposal was developed in a school of the state school, being the Military College of the State of Tocantins - CMTO. The development of the project obtained as a research criterion a qualitative, descriptive and exploratory approach, in line with a survey of bibliographic and documentary material. To understand the proposed problem, a questionnaire was applied to teachers containing 11 open and closed questions, and to the coordinator, director and educational guidance an interview with 6 questions. To collect the data in both, the Google Forms digital tool was used, the links were sent to the participants via WhatsApp. The collected data were exposed in graphs and arranged in discussions to understand the opinion of each one. The point most mentioned by teachers is the difficulty of working with students on the subject, either due to lack of preparation or because of a delicate topic. Another point mentioned was the attribution of the theme being only of the family and not of the school. Another factor to be considered is that the majority of participants recognize the importance of sexual orientation in the classroom and are open to participate someday in a training in the area. It is expected with the data obtained that awakens in teachers the need for an improvement in the area and that schools include in their PPP work of sexual orientation.

Keywords: Sexual orientation. Teachers. Sexuality. Improvement. School.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Localização geográfica do Município de Augustinópolis no Estado do Tocantins.	20
Gráfico 1 – Escolaridade.	23
Gráfico 2 – Voce possui conhecimentos e segurança para trabalhar sobre orientação sexual?	24
Gráfico 3 – Você concorda que orientação sexual deve ser trabalhada de forma transversal em sala de aula?	31

LISTA DE SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Humana

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CMTO – Colégio Militar do Estado do Tocantins

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Leis de Diretrizes Bases

MEC – Ministério da Educação

MS – Ministério da Saúde

ONDH – Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PMTO – Polícia Militar do Estado do Tocantins

PNC – Plano Nacional Educacional

PPC – Projeto Pedagógico do Curso

PPP – Projeto Político Pedagógico

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TCT – Temas Contemporâneos Transversais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1	Orientação sexual x Educação sexual.....	15
2.2	Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).....	17
2.3	Desafios da escola.....	17
2.4	Competências e Habilidades docentes.....	18
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
3.1	Área de pesquisa.....	21
3.1.1	Caracterização da Escola.....	21
3.2	Métodos para pesquisa e coleta de dados.....	22
3.3	Publicos-alvo da pesquisa.....	24
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
4.1	Professores.....	25
4.1.1	Formação acadêmica, tempo de atuação como professor e tempo de atuação na escola.....	25
4.1. 2	Conhecimentos e segurança para trabalhar sobre orientação sexual com seus alunos.....	25
4.1. 3	Você conhece os temas transversais que trabalha com orientação sexual?.....	27
4.1. 4	Atribua uma nota de 5 a 10 conforme ache importante trabalhar com orientação sexual na sala de aula.....	27
4. 1 . 5	Quando você é questionado sobre sexualidade por seus alunos como você reage?.....	30
4. 1. 6	Em sua opinião, qual o papel do professor na orientação sexual?.....	31
4. 1. 7	De acordo com seu relacionamento com os pais dos alunos, você acha que eles concordariam que os filhos estudassem sobre sexualidade?.....	32
4. 1. 7	Você concorda que orientação sexual deve ser trabalhada de forma transversal em sala de aula?.....	33
4. 1. 8	Formação continuada.....	34
4.1 9	Você aceitaria participar de alguma ação de capacitação e aprimoramento sobre orientação sexual?.....	35
4. 2	Direção, coordenação e orientação educacional.....	35
4. 2. 1	Formação e função na escola.....	35
4. .2. 2	Você acha que a escola deve trabalhar com orientação sexual?.....	36
4. 2. 3	Oferta de capacitação e formação para os professores e projetos futuros...	36
4. 2. 4	Na escola há projetos sobre temas relacionados a Sexualidade?.....	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	40
	APÊNDICES.....	45
	Apêndice A – Termo de autorização e consentimento livre e esclarecido-TCLE	45

Apêndice B - Solicitação de autorização para pesquisa acadêmico-científica

.....
446

Apêndice C – Roteiro para entrevista aos professores..... 48

**Apêndice D - Roteiro de entrevista com o diretor, coordenação e orientação
educacional..... 50**

1 INTRODUÇÃO

A sexualidade teve seus primeiros estudos feitos por Freud, que criou a teoria da sexualidade infantil. No início do estudo Freud (2016) pontuou a sexualidade como o início dos problemas das psiconeuroses e neuroses em geral, acrescentando que a sexualidade infantil era encarada como resultado desastroso caso não houvesse interferência de um adulto. O autor define a sexualidade infantil como um ideal educativo, mas muitos educadores encaram como um vício essas manifestações sexuais tornando a criança ineducável, para Freud essas manifestações temidas pela educação é motivo de interesse para esclarecimentos (FREUD, 2016).

Altmann (2001) relata que a sexualidade das crianças e adolescentes se tornou uma questão de problema público, sendo uma preocupação escolar desde o século XVIII. Oliveira e Urban (2016) conta que, no Brasil o termo educação sexual voltou para os discursos pedagógicos após o país passar por uma renovação pedagógica em 1960 antes da ditadura militar, pouco tempo depois os programas organizados por algumas escolas brasileiras foram reprimidos pela ditadura e definitivamente banidos de qualquer discurso pedagógico.

A educação sexual não só voltou para os currículos escolares como foi substituída pela expressão orientação sexual, sendo adotada e defendida por alguns pesquisadores, educadores e autores. O Ministério da Educação (MEC) em 1997 lançou os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), tornando a expressão orientação sexual oficializada em um dos seus documentos.

A transversalidade da Orientação Sexual de acordo com o PCN (1997) era levar a discussão do tema para sala de aula com o intuito de mobilizar professores juntamente com a família para sistematizar ações pedagógicas no trato de questões da sexualidade.

Um dos principais e mais delicados temas envolvendo sexualidade é a gravidez na adolescência, que segundo o Ministério da Saúde (MS), só em 2020 o Brasil registrou um índice de gravidez precoce de 50% acima da media mundial (BRASIL, 2020). De acordo com Câmara (2012), o risco de transmissão de doenças sexuais e abuso sexual são muitos recorrentes na adolescência, pontuando que os conflitos psicológicos e físicos dos adolescentes necessitam de ações educativas em saúde.

Alguns dos principais conflitos e manifestações sexuais a serem trabalhados por professores são: pornografia vinculada a mídias digitais, ansiedade, inquietações, homofobia, machismos, homossexualismos, contracepção e prevenção, saúde e higiene, aborto, início da vida sexual, alto índice de gravidez precoce, abuso sexual, prostituição infantil e crescimento epidêmico de AIDS. Tais questões foram adicionadas nos PCNs através do tema transversal Orientação Sexual, visando despertar um posicionamento das instituições educacionais a favor da transformação social e garantia da dignidade e qualidade de vida.

Nas escolas, os professores devem assumir o papel de educador sexual, sendo a principal figura em sala de aula para trabalhar o assunto com clareza e respeito, estabelecendo uma relação de confiança e disponibilidade para dialogar sobre o assunto (SÁ-SILVA, 2015).

Podemos dizer que trabalhar orientação sexual com alunos de ensino fundamental é uma tarefa desafiadora, mas é um tema que não tem como fugir da realidade dos alunos, principalmente dentro da escola.

Dessa forma, entende-se que a formação continuada em todos os seus aspectos é importante para o aperfeiçoamento do trabalho do professor, especificamente na perspectiva da orientação sexual para os jovens do Ensino Fundamental que estão em formação de personalidade.

O presente trabalho tem como objetivo principal identificar as habilidades e competências docentes necessárias para trabalhar com orientação sexual junto aos alunos de Ensino Fundamental. A pesquisa foi aplicada com os professores, direção, coordenação e orientação educacional do Colégio Militar (CMTO), instituição que oferta Ensino Fundamental na cidade de Augustinópolis- TO.

A relevância da pesquisa é despertar as instituições educacionais e professores para a necessidade de capacitação na área de orientação sexual a fim de tornarem-se aptos para conduzir o processo de conhecimento dos alunos sem constrangimento ou imposição dos próprios valores.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Orientação sexual x Educação sexual

A sexualidade humana é um assunto que provoca curiosidade e debates em toda a sociedade. Os termos educação sexual e orientação sexual são debatidos por diversos autores. Para Figueiró (2006), a educação sexual é toda ação envolvendo o ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana em níveis de conhecimento e discussões sobre emoções e valores da vida sexual, a própria autora aponta que esse conceito é prévio e que se devem buscar conceitos mais abrangente e complexo. Figueiró (2007) também afirma que educação sexual tem a ver com o direito do cidadão em receber informações do próprio corpo, relacionamento sexual, rever tabus e conceitos para formar uma opinião de tudo ligado a sexo.

Nogueira *et al.* (2016) conceituam a educação sexual como um processo educativo de informações sobre sexo, sexualidade, corpo e gênero, sendo um tema relevante e pertinente do aluno. Os conceitos de educação sexual para os diversos autores que defendem esse termo como apropriado, seguem a linha de pensamento de processo educativo, conhecimento do corpo, relacionamento sexuais, conceitos e reflexões sobre a sexualidade.

Para Filha (2017), o termo Orientação Sexual causa confusão principalmente na formação docente, esse mesmo termo é utilizado para se referir à atração sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, entre outras). A autora pontua que a utilização do termo “orientação sexual” é o motivo do desgaste da “educação sexual”, fazendo uma crítica aos PCNs que adotou a “orientação sexual” como tarefa da escola e “educação sexual” como tarefa do ambiente familiar.

No meu entendimento, foi uma estratégia adotada para demarcar a função da escola, sem deixar de priorizar a educação realizada pela família. O documento ressalta como essa prática deve ou deveria ocorrer [...] também prevê momentos sistematizados e em espaço específico para alunos e alunas [...] o termo ‘orientação sexual’ passou a ser utilizado por muitas pessoas, incluindo estudiosos/as, como sinônimo de ‘educação sexual’, termo comumente utilizado (FILHA, 2017, p. 19).

Em artigo publicado no site Boa Saúde (2021) a orientação sexual é um instrumento de prevenção a doenças sexuais, gravidez na adolescência,

desenvolvimento, compreensão acerca da saúde reprodutiva, relações interpessoais, afetiva, corporal relação de gênero, dimensões fisiológicas, sociológica e psicológica da sexualidade. Jardim e Bretas (2006) conceitua a orientação sexual como essencial para a sexualidade na adolescência.

A sexualidade trabalhada em orientação sexual é unida à vida e à saúde e toda a fase de desenvolvimento humano, considerando a escola como ambiente de ensino para desenvolver ações críticas, reflexivas e educativas, englobando a relação de gênero, respeito, diversidades, superação de tabus e preconceitos ligados no trabalho de orientação sexual na escola. (BRASIL, 1998).

2.2 Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Para o PCN, tratar de Orientação Sexual é considerar a sexualidade inerente à vida e a saúde, expressada do nascimento até a morte. O intuito do documento é englobar as relações de gênero, respeito a si mesmo e aos outros, diversidade de crenças e culturais, incluindo a importância da prevenção da gravidez precoce e doenças sexuais, pornografias, abusos, entre outros. O PCN tem o intuito de promover reflexões e discussões de toda equipe pedagógica e a família para sistematizar a ação pedagógica da escola no trato de questões sexuais, assim, superando tabus e preconceitos enraizados no contexto sociocultural brasileiro.

De acordo com a proposta do PCN, o trabalho de Orientação Sexual na escola tem como objetivo fazer com que os alunos no final do ensino fundamental possam:

- Respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamentos relativos à sexualidade, reconhecendo e respeitando as diferentes formas de atração sexual e o seu direito a expressão, garantindo a dignidade do ser humano;
- Proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos ou exploradores;
- Conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde como condição necessária para usufruir prazer sexual;
- Identificar e repensar tabus e preconceitos referentes à sexualidade, evitando comportamentos discriminatórios e intolerantes e analisando criticamente os estereótipos;
- Conhecer e adotar prática de sexo protegido, desde o início do relacionamento sexual, evitando contrair ou transmitir doenças sexualmente transmissíveis, inclusive o vírus da AIDS;
- Evitar uma gravidez indesejada, procurando orientações e fazendo uso de métodos contraceptivos.
- Consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua sexualidade (BRASIL, 1997, p. 311/312).

O documento inclui a importância da Orientação sexual como tema transversal no currículo da escola, a postura da escola e do educador. Tem como finalidade, contribuir para que os alunos possam exercer sua sexualidade com responsabilidade e garantir direitos básicos como saúde, informação e conhecimento importantes para a formação de um indivíduo responsável.

2.3 Desafios da escola

Conforme o documento do PCN (1997) a inclusão da sexualidade no currículo escolar vem sendo discutida desde a década de 70, tendo uma cobrança de projetos educacionais na área da sexualidade nas escolas intensificada nos anos 80, essa cobrança surgiu devida o grande aumento de caso de gravidez na adolescência e incidências de HIV (vírus da AIDS) entre jovens.

A sexualidade na escola foi por anos considerada inapropriada, Foucault (2014) diz que a sexualidade cuidadosamente foi encerrada e confiscada pela família, com a única função de reprodução, mas a palavra sexo, era silenciada. O tema foi introduzido com mais vigor nos PCNs, trazendo como transversalidade no currículo da escola. É de fundamental importância que as escolas se reinventem para cumprir com os novos desafios da sociedade. (CANDAU, 2016).

Libâneo (2015), ressalva que ao cumprir com sua função social, a escola promove e amplia o desenvolvimento dos processos psíquicos dos alunos atuando na formação da sua personalidade. De acordo com Semis (2017), a retirada dos termos Orientação Sexual e Gênero do documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Plano Nacional Educacional (PNE), provocou reações de estranheza por não deixar explícitas quais discriminações deveriam ser erradicadas.

Para Rizza e Ribeiro (2017), essa exclusão dos termos nesses documentos é um retrocesso para educação e a sociedade, pontuando que:

Possibilitar que as discussões estejam em um documento legal, que fornece diretrizes para a educação e sobre o qual serão produzidos os planos municipais de educação das escolas brasileiras, é fazer com que a escola repense essas concepções de gênero e promova práticas pedagógicas que visem, efetivamente, a inclusão, a minimização da violência e da discriminação a grupos sociais minoritários, entre outros aspectos (RIZZA; RIBEIRO, 2017, p. 66).

Para Ayach (2010), a escola é vista como uma importante instituição de ensino:

A escola, uma das principais instituições de ensino, recebe o impacto das mudanças sociais, que são muito mais aceleradas do que as que ocorrem no seu interior. Esse fato exige dos seus profissionais, mudanças pessoais e estruturais, o que envolve a gestão da escola e, conseqüentemente, a condução do processo pedagógico (AYACH, 2010, p. 84).

Nesse sentido, encobrir o assunto pode ter consequência no desenvolvimento social do indivíduo, a escola deve agregar conhecimentos e criar um espaço de acolhimento para ouvir e direcionar o aluno a uma orientação sexual responsável. A escola tem como objetivo esclarecer a distorção aprendida pela criança trazendo debates a respeito da temática para dentro da sala de aula (RODRIGUES; WECHSLER, 2014).

Naturalmente os pais se ausentam da responsabilidade de educar sexualmente os filhos, justamente pela delicadeza e por sempre achar que os filhos são jovens demais para ouvir sobre o assunto (GONÇALVES *et al.* 2013). No contexto atual, a relação escola-família é muito importante na educação de orientação sexual, a família deve manter o assunto dentro de casa como um conhecimento prévio, precisando ser o local onde a criança ou o adolescente possam recorrer sempre que necessário (RODRIGUES; WECHSLER, 2014).

Para Ilha *et al.* (2014), a escola enquanto instituição de ensino deve promover intervenções de promoção à saúde de crianças e adolescentes. Quanto à orientação sexual, essa promoção à saúde defendida pelos autores deve ser pautada na prevenção de gravidez precoce e doenças sexuais, abuso sexual, homofobia, identidade de gênero, respeito às diferenças, ansiedades e curiosidades da puberdade.

2.4 Competências e Habilidades docentes

A escola como já mencionada, se torna um espaço apropriado para falar sobre sexualidade. Conforme Libâneo (2015), para que essa informação seja passada com êxito, são necessários professores com conhecimento dos conceitos que ensinam e conhecimento pedagógico para ajudar os alunos a pensar e agir adequadamente diante das situações-problema da sua puberdade.

Souza e Crisóstimo (2008) definem esse assunto como um desafio contemporâneo, defendendo que todos os educadores da comunidade escolar saibam abordar essa temática sempre que necessário, e respeitosamente manter o limite da

ação pedagógica, a relação professor-aluno sem invadir a intimidade de ambas as partes.

Gesser *et al.* (2012), pontuam que a formação de professores relacionadas a sexualidade deve ser pautada em uma perspectiva ético-política de educação inclusiva para que mudem sua forma de lidar com expressões de sexualidade dentro da sala de aula. Segundo os autores, o trabalho de formação dos professores só terá resultados se for desenvolvido a posteriori, devendo ser baseado nas dificuldades enfrentadas no cotidiano da sala de aula. Figueiró (2006) cita em um dos trechos de seu livro que, a formação continuada contribui para despertar o educador que vive adormecido em cada professor.

Leôncio (2013) alega que devido à importância da temática orientação sexual na escola, o assunto deve ser tratado por um profissional capacitado com formação para dialogar sobre sexualidade. Moisés e Bueno (2010) ressaltam que os professores não necessariamente precisam ser um especialista em sexualidade, portanto, devem ser profissionais que tenham conhecimento e que estejam preparados para trabalhar sobre sexualidade humana, com capacidade de desenvolver estratégias pedagógicas de reflexão e debate.

Para Brol e Martelli (2018), os docentes devem estar preparados e seguros para abordar a sexualidade de forma emancipatória, natural e respeitosa. Os autores citam que os professores precisam de formação continuada para serem capazes de abordar com embasamento científico as curiosidades e dúvidas dos alunos. Carvalho e Gil-Pérez (2011) citam que a formação dos professores deve ser incluída nas experiências de tratamento de novos domínios que não possuem a formação científica, no qual essa formação é repetida ao longo de toda sua vida profissional.

É importante ressaltar que a formação continuada de professores está assegurada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) da Lei 9.394/96, no qual em seu Art. 63 incisos III, cita que deve ser ofertado programas de educação continuada para professores de todos os níveis educacionais, destacando novamente no Art. 67 incisos II que o profissional da educação tem o direito de aperfeiçoamento continuado com licenciamento periódico remunerado (BRASIL, 1996).

Perrenoud (2000) caracteriza como uma das competências do professor organizar e dirigir situações de aprendizagem, trabalhando com base nas representações dos alunos, ou seja, o professor deve abrir espaços para dialogar e não censurar imediatamente seu aluno. O autor pontua que os professores devem

redescobrir seus próprios conhecimentos confrontando seus limites, para assim tornar a didática como sua essencial competência.

Outra competência do professor é enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão, com uma competência específica em lutar contra preconceitos e discriminações sexuais, éticas e sociais (PERRENOUD, 2000). Segundo o autor, ao abordar essa temática o professor não deve somente ser contra preconceitos e discriminações, como um agente de mudança social, ele deve desenvolver estratégias para trabalhar com seus alunos que levem os mesmos a refletir sobre respeito e valores éticos.

Perrenoud (2000) pontua que a luta contra preconceitos e discriminação sexual é uma exigência da vida cotidiana, um professor preparado percebe cada situação e a forma que deve agir, acreditando na missão educativa da escola, portanto, a lucidez é uma das competências básicas que o professor deve ter para determinar questões cotidianas.

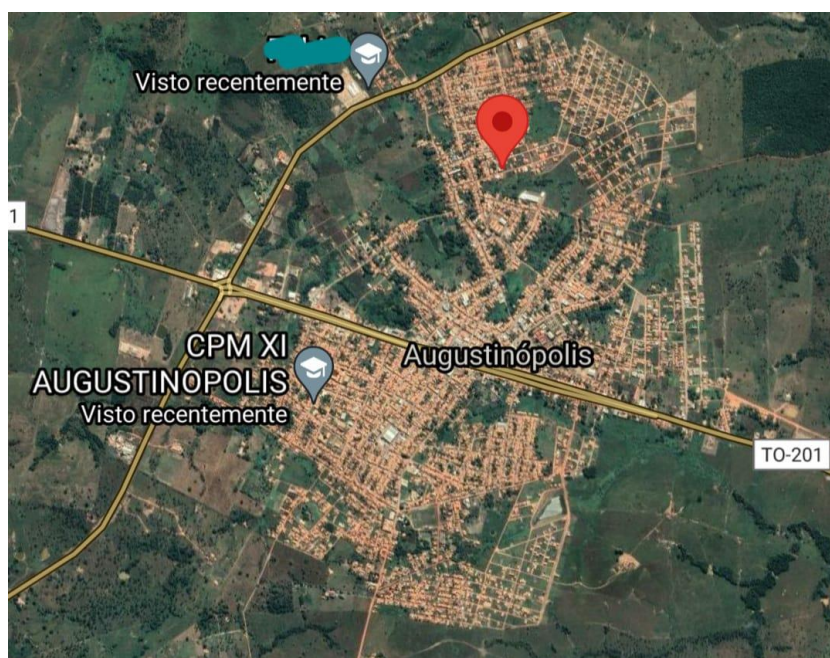
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Área de pesquisa

O projeto foi desenvolvido no município de Augustinópolis, situado no extremo norte do estado do Tocantins, que ocupa uma área de 388,810 km² e população estimada em 18.870 habitantes em 2021 (IBGE). A pesquisa foi aplicada no Colégio da Polícia Militar (CMTO), escola que possui 2 anos de funcionamento na cidade.

O critério de escolha do CMTO La Salle justifica-se na ideia de tratar-se de uma instituição pautada na ideologia tradicional que incorpora valores familiares e patrióticos e no fato de atuar com um público-álvo de crianças e adolescentes, do 4º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Figura 1 - Localização geográfica do Município de Augustinópolis no Estado do Tocantins.



Fonte: Google Maps.

3.1.1 Caracterização da Escola

O Colégio Militar do Estado do Tocantins La Salle – CMTO La Salle foi instalado em janeiro de 2019. É uma escola com a organização, funcionamento e filosofia das escolas militares que fazem parte do projeto da organização federativa.

O CMTO é resultado de uma reorganização estadual promovida pelo Estado do Tocantins, em meados de final de 2018 e início de 2019, que envolveu várias

escolas dentro do estado, dentre elas, no município de Augustinópolis, onde o Centro Estadual de Educação La Salle (pertencente ao estado) e a Escola Comunitária de Augustinópolis (conveniada ao estado até dezembro de 2018).

De acordo com o PPP de 2021 da escola:

A missão do CMTO La Salle integra a missão das demais Escolas Militares do Tocantins que é de contribuir para a educação de jovens tocaninenses, visando um ensino de qualidade e a formação cidadã e integral dos discentes. Com o objetivo de desenvolver atitudes e incorporação de valores familiares, sociais e patrióticos que lhe assegurem um futuro de cidadão patriota, cômico de seus deveres, direitos e responsabilidades, qualquer que seja o campo profissional de sua preferência, civil ou militar.

Com a instalação do CMTO La Salle, o atendimento ao alunado foi definido do 4º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental. Em 2020, o atendimento da escola foi ampliado, também para o Ensino Médio. Com isso, o colégio atende atualmente alunos do 4º ano do Ensino Fundamental à 1ª série do Ensino Médio, distribuídos nos turnos matutino e vespertino.

A escola até o momento da pesquisa conta com um total de 921 alunos matriculados, 27 docentes, 11 profissionais no setor pedagógico e 6 no administrativo (profissionais militares e similares). Sobre os militares que atuam no CMTO, são 4 (quatro) profissionais da PMTO e um servidor civil (também do quadro da PM), que atuam nas funções de chefe de setor, com apoio dos profissionais vinculados à educação.

3.2 Métodos para pesquisa e coleta de dados

O desenvolvimento do projeto adotou a abordagem qualitativa, descritiva, exploratória e estudo de caso, em consonância com um levantamento de material bibliográfico e documental sobre a temática proposta. A proposta é de natureza qualitativa que facilita uma melhor análise das habilidades e competências dos docentes que atuam na escola.

Segundo Gil (2002), a natureza da pesquisa possibilita uma análise de dados mais abrangentes e significativos, portanto, para uma pesquisa realizada em educação, os pesquisadores devem adotar preferencialmente a técnica qualitativa.

Segundo Lükde e André (2013), o estudo de caso é uma técnica de pesquisa qualitativa de muita aceitação na educação por estudar questões relacionadas à escola. Essa técnica juntamente com o levantamento bibliográfico e estudo de campo proporcionou um resultado de pesquisa mais significativa para a execução

do trabalho.

No primeiro momento foi realizado uma pesquisa bibliográfica, visando aprofundar as questões estruturais e fundamentos que auxiliem nos resultados da investigação. Posteriormente foi produzido o termo de autorização e consentimento livre e esclarecido- TCLE (Apêndice A) às partes envolvidas para dar continuidade à pesquisa de Campo. Esse termo foi anexado ao questionário e a entrevista para a garantia dos direitos dos participantes no trabalho e do pesquisador.

Antes da aplicação do questionário foi apresentado ao Chefe da Coordenação pedagógica (representante do diretor) da instituição um documento de solicitação de autorização para pesquisa (Apêndice B), para garantir o direito de prosseguir com a aplicação do projeto sem complicações.

Na segunda etapa, foi implementada uma pesquisa de campo com aplicação de 01 questionário (Apêndice C) aos professores composto por 12 questões abertas e fechadas. O método de aplicação do questionário foi *online* através da ferramenta digital *Google Forms* que facilitou na organização das respostas sem precisar do contato direto, levando em consideração o isolamento social devido a pandemia.

Com relação ao diretor, coordenação e orientação educacional foi realizada uma entrevista semiestruturada (Apêndice D) contendo 07 perguntas. Considerando que o atendimento presencial da escola esta sendo organizado aos poucos e o grande esgotamento de atividades a serem desenvolvidas pelos servidores, optou-se por aplicação do questionário através do *Google Forms* enviando o link para os participantes através do *Whatsapp*.

Foi feito uma leitura do Plano Político Pedagógico (PPP) da instituição para analisar a história e organização da escola e se temas que envolvem sexualidade estão inseridos no plano de ensino.

As questões fechadas do questionário foram organizadas em gráficos. As questões abertas tanto do questionário aos professores e a entrevista, por possuírem informações e opiniões diversificadas, foram dispostas em discussões detalhadas, afim de entender o ponto de vista de cada participante.

Os dados coletados serviram de base para discussão final do trabalho, visando abordar as habilidade e competencias do professores para atuar com alunos de Ensino Fundamental fase inicial e final. Os resultados foram apurados fazendo uma relação em literaturas atuais.

3.3 Públicos-alvo da pesquisa

O público da pesquisa foi dividido em 2 grupos: professores e setor pedagógico. Ao todo, era esperado na pesquisa um total de 31 participantes, que estava incluso os 27 professores, o diretor da escola, o coordenador e os 02 (dois) orientadores educacionais.

Os links do questionário foram enviados através do WhatsApp para os professores e reforçados pelo coordenador, apesar das várias insistências, apenas 09 dos 27 professores responderam o questionário.

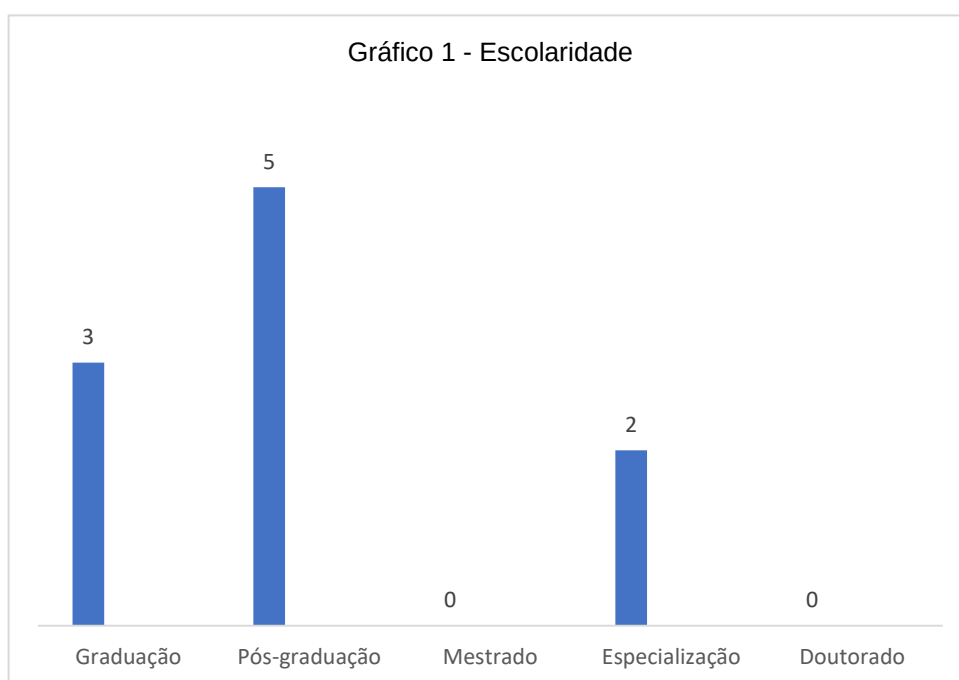
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o questionário direcionado aos professores, pode-se extrair os resultados a seguir, constando identificação e discussões dos mesmos:

4.1 Professores

4.1.1 Formação acadêmica, tempo de atuação como professor e tempo de atuação na escola

De acordo com os dados coletados, (33,3%) dos respondentes possui apenas a graduação, e (66,7%) a pós-graduação e não foi registrado nenhum outro que possui mestrado ou doutorado.



Fonte: Dados da pesquisa

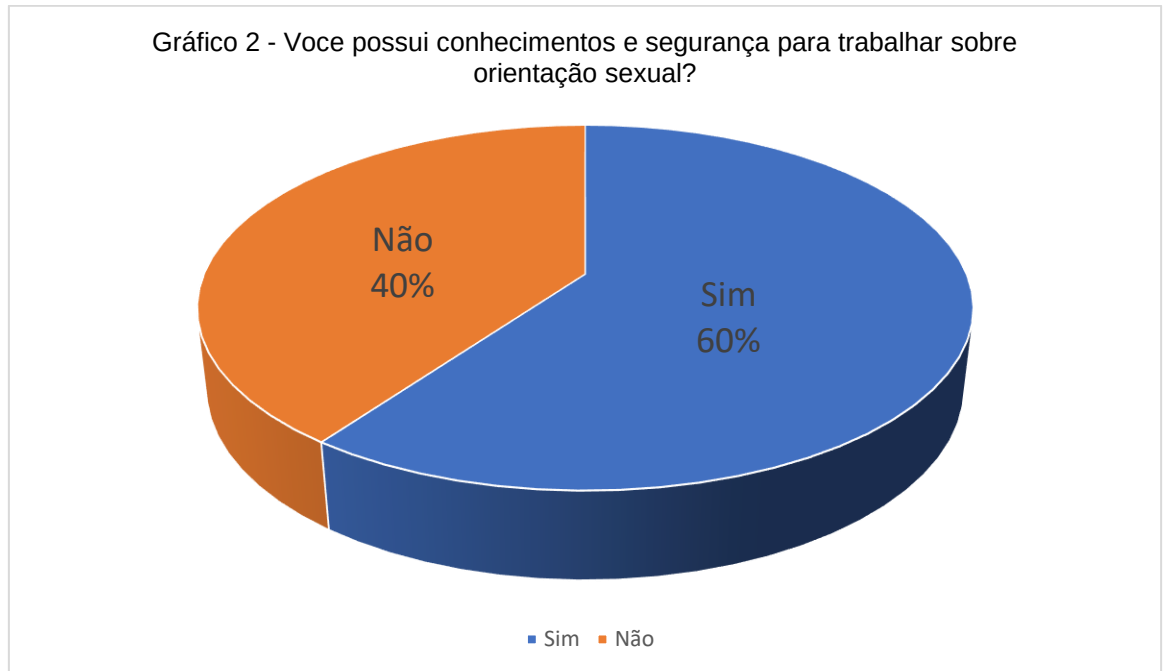
Sobre o tempo de atuação em sala de aula, houve diferenças em tempo de experiências, no qual o maior tempo de atuação é de 21 anos e o menor é de “quase 2 anos”, como relatado pelo respondente.

Em relação ao tempo de atuação na escola, o maior período é de 11 anos e 7 anos de atuação na escola, e o menor tempo é de 1 ano. Considerando que a escola possui apenas 2 anos de funcionamento, esses longos anos relatados por 2 professores referem-se a quando a escola ainda era o La Salle.

4.1. 2 Conhecimentos e segurança para trabalhar sobre orientação sexual com

seus alunos

De acordo com os dados apurados, 40% dos respondentes afirmaram não possuir conhecimentos e segurança para trabalhar sobre orientação sexual com seus alunos, e 60% responderam que estão preparados para trabalhar sobre o assunto.



Fonte: Dados da pesquisa

Houveram diferentes colocações na justificativa, as respostas foram a seguintes:

“Participei de algumas voltadas para o ensino remoto devido o tempo de pandemia, sou novo na Escola”

“É um tema muito difícil de trabalhar. ”

“Não tenho formação sobre. ”

“Devido a demanda atual não me sinto preparada. ”

“Mediante os meus conhecimentos, vivências e conhecimento sobre o corpo humano, consigo orientá-los sobre a importância do cuidado e conhecimento do corpo conforme vejo a necessidade nos grupos. ”

“Não acho que seja da competência do professor, e sim dos pais. ”

“Os pais que tem que conversar com seus filhos sobre sua vida sexual. ”

“Acredito que para trabalhar com esse assunto precisamos de formação e cabe na sua família esse trabalho”.

A grande maioria dos professores tem dificuldades em orientar seus alunos a

respeito de temas que envolvam sexualidade, sejam por falta de uma especialização específica na área ou por não considerar um dever da escola e sim da família.

No contexto escolar, ao analisar as respostas dos professores e leituras de outros trabalhos é perceptível que são raras as abordagens sobre orientação sexual devido os professores não se sentirem preparados para o seu desenvolvimento. De acordo com Oliveira (2009), falar sobre o tema é uma tarefa difícil, principalmente se o professor não estiver seguro e preparado para aborda-los, fatos vindos da antiguidade onde sexualidade era associada a “coisas feias”, inapropriadas e restrita aos adultos e que ainda refletem no contexto atual.

4.1. 3 Você conhece o tema transversal que trabalha com orientação sexual?

Os temas transversais entrou na grade curricular da educação brasileira em 1996 nos PCNs. Os temas transversais eram seis, entre eles tinha a orientação sexual. Esses estão fora das áreas convencionais mas fazem parte do processo vivido pela sociedade, pela família e no cotidiano escolar, por isso optou por inseri-los no currículo escolar chamando de transversalidade.

Ao questionar sobre seus conhecimentos dos tema transversais sobre orientação sexual, apenas 22,2% responderam que “sim” conhecem os temas transversais e 77,8% responderam que não tem conhecimento sobre.

Os temas transversais passou por mudanças com a retirada do PCN e entrada da BNCC sendo ampliados como Temas Contemporâneos Transversais (TCT) (BRASIL, 2019). Antes que eram 6 temas transversais, passou a ser 6 macroáreas temáticas englobando 15 temas contemporâneos (BRASIL, 2017). O tema transversal de orientação sexual entra na macroárea Saúde na BNCC.

Essas mudanças dos TCT se fez necessárias devidos as novas demandas sociais, entre os temas destacam-se os direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/199016). Esses temas são obrigatórios, porém, “cabe aos sistemas e redes de ensino [...] incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana” (BRASIL, 2017 p. 19).

4.1. 4 Atribua uma nota de 5 a 10 conforme ache importante trabalhar com orientação sexual na sala de aula

Em uma escala de 5 a 10, houveram diferentes notas dadas pelos

respondentes. Três professores atribuíram a menor nota (5) para a importância da temática em sala de aula, um professor deu nota 7, um professor deu nota 9, e 4 professores atribuíram nota 10. A justificativa dada por aqueles que não acham importante abordar a temática em sala de aula ou que acham que não é papel da escola, foram as seguintes:

“Trabalho que deveria ser da família. A escola como sempre abraçando atribuição familiar. ”

“Os pais que tem que conversar com seus filhos sobre sua vida sexual. ”

“Na minha opinião, orientações sexuais compete aos pais. ”

Ainda há muito o que ser discutido sobre a importância da orientação sexual em sala de aula e o papel do professor. É importante ressaltar que não é um papel unicamente da escola, é necessário uma parceria com a família. A família enquanto responsável legal da criança deve estar sempre informada sobre o processo educativo que os alunos estão recebendo sobre o assunto para que as informações possam ser repassadas tranquilamente.

A escola entra como um reforço, com informações mais científicas para esclarecer dúvidas que as vezes os pais não tem um embasamento mais elaborado, é necessário mudar o pensamento que orientação sexual é um trabalho somente da família, tendo em vista que na maioria dos casos a família não dá o suporte necessário para que as crianças e adolescentes adquiram os conhecimentos importantes para o seu desenvolvimento. Segundo Silva (2016), é necessário entender que a sexualidade é um impulso presente em todos os estágios do desenvolvimento humano, o professor enquanto um formador de valores precisa trabalhar as questões sexuais livrando-se de tabus e preconceitos.

Quando há serviços prestado à escola por profissionais preparados nem sempre geram resultados por serem pontuais e não contínuo, que vai se diluindo aos poucos e não constroi um progresso, já o trabalho da escola é realizado pelos professores que gera maior aproximação com os alunos, portanto, são eles que podem contribuir para que seus alunos tenham um visão mais responsável sobre sexualidade (SAYÃO, 1997).

Apesar de não ocorrerem mensalmente, não podemos deixar de reconhecer a importância das visitas na escola por profissionais na área ministrando palestras, workshop, distribuindo planfetos, rodas de conversas ou qualquer outra ação do tipo,

são de grande valia para a contribuição na construção do conhecimento das crianças e adolescentes.

É importante analisar também a opinião daqueles professores que concordam que trabalhar essa temática em sala de aula traz benefícios para os discentes.

“Orientação sexual ajuda a evitar uma série de problemas com a criança e adolescentes. ”

“Muitas crianças e adolescentes recebem enxurradas de informações que são veiculadas pelos mais diversos meios de comunicação, muitas não são tratadas e orientação clara de um profissional poderia ser um norte diante da diversidade vista hoje. ”

“Alunos precisam ter um conhecimento mais amplo sobre assunto. ”

“Na sala de aula o professor pode ajudar a resolver conflitos e dúvidas sobre o assunto, bem como ajudá-los a se protegerem. ”

“Essa informação se faz necessária para o crescimento e entendimento do corpo discente”

De certa forma, as mídias digitais apresentam um papel marcante na identidade sexual de uma criança e adolescente. Assim como respondido por um professor, os adolescentes recebem diariamente diversas abordagens feitas pelas mídias, o problema é que muitas das vezes esses meios de comunicação não são seguros, as informação podem ser vagas, tendenciosas e que podem induzir esse adolescente a atos preconceituosos e atitudes que os levam a ter inseguranças quanto as mudanças provocadas pela puberdade.

De acordo com Sayão(1997), a televisão vincula novelas, filmes e propagandas erotizadas, revistas estapam materiais fotográficos que trás alusão a sexualidade, isso gera incremento na ansiedade relacionados a curiosidade gerando excitação, já as propaganda jornalísticas e científicos, campanhas de prevenção entre outros, trazem enfoque da sexualidade dirigido para o público adulto, as crianças assistem e não entendem a mensagem por completo construindo explicações errôneas sobre sexualidade.

Na escola as manifestações sexuais aparecem nas paredes dos banheiros e carteiras, no convívio escolar, brincadeiras e paródias, ao não reconhecer essas atitudes é como se a escola realizasse o pedido impossível dos alunos deixarem a sexualidade fora do espaço escolar, é por reconhecer o papel da escola na construção de aspectos sexuais que se fundamenta a proposta que a escola realize a orientação

sexual (SAYÃO, 1997).

Assim como respondido por dois professores, ao trabalhar orientação sexual na escola é uma forma de proteger nossos alunos. Essa proteção referem-se a relacionamentos sexuais seguros, prevenção a doenças sexuais, gravidez precoce, violência sexual, entre outros.

O Ministério da Saúde (MS) lançou em 2020 o “Maio laranja” promovida pela Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, que de acordo com o secretário Maurício Cunha “a campanha tem como escopo incentivar a realização de atividades para conscientizar, prevenir, orientar e combater abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. ” De acordo com os dados da ONDH identifica que 73% dos casos acontecem dentro da casa da vítima (BRASIL, 2020).

Ao analisar esses dados do MS fica visível a importância de trabalhar com orientação sexual na escola. A escola enquanto instituição de ensino deve colocar em seu PPP projetos e atividades que trabalhem com orientação sexual, o professor como o mais próximo do aluno deve estar atento a mudanças comportamentais dos seus alunos e sempre orientá-los quando surgirem dúvidas.

4. 1 . 5 Quando você é questionado sobre sexualidade por seus alunos como você reage?

Sabemos que há vários fatores que fazem com que os adolescentes se reprimam e não compartilhem suas dúvidas com um adulto, principalmente quando o assunto envolve temas delicados. As resposta dessa pergunta não variou tanto, foram as seguintes:

“Nunca fui questionado a respeito. ”

“Não dou espaço para esse tipo de assunto. ”

“Devido ser matemática minha disciplina, pouco se fala do tema orientação sexual. ”

“Naturalmente, porém peço que eles busquem essas informações com seus pais. ”

Dentre as respostas duas foram diferentes, um respondente disse que “os oriento com base científica e seriedade diantes de toda a classe” o outro respondeu que “procuro sempre ter uma resposta coerente”.

É normal que as dúvidas possam surgir somente em aulas das disciplinas de

ciências e biologia, como no caso respondido por um professor de matemática afirmando que pouco se fala nos temas. É preciso mudar essa ideia de que somente os professores de área específica trabalhem o assunto, a confiança e diálogo devem ser feitos entre alunos e professores de todas as disciplinas.

4. 1. 6 Em sua opinião, qual o papel do professor na orientação sexual?

Dois dos nove respondentes voltaram a afirmar que isso é um papel da família e não do professor. Ao analisar as demais respostas, é possível perceber uma mudança significativa e positiva nas respostas dadas pelos professores.

“Ajudar melhor na questão de menstruação, gravidez, doenças sexuais, uso de camisinha, etc.”

“Mostrar a importância da consciência e maturidade sobre o assunto. ”

Informar, desmitificar alguns tabus e enfrentar muitas problemáticas enfrentadas pelos alunos nessa fase de transição. ”

“Transmitir o conhecimento sobre o assunto de forma clara. ”

“Visto que a sala de aula é a segunda casa e muitas vezes a família não se sente capaz ou mesmo à vontade para orientar. Ainda ressaltando que alguns alunos consideram o professor, alguém de confiança, o professor teria um papel fundamental e muito importante na segurança, conhecimento e cuidado das crianças e adolescentes sobre o tema “sexualidade”. ”

Um em específico pontuou que o professor é a base do saber. Segundo Tozetto (2017), o professor como agente social e cultural deve auxiliar seus alunos para romper seus obstáculos na construção do saber contribuindo com o crescimento do discente.

Cury (2003) diz que, o professor contribui para desenvolver a superação da ansiedade, resolução de crises interpessoais, socialização e proteção emocional, são os chamados professores fascinantes, que resolvem conflitos. Nesse sentido volta a questão de que reprimir ou corrigir comportamentos relacionados a sexualidade não é a melhor escolha, o correto é explicar para resolver e transmitir o assunto de forma mais clara.

Assim como citado pelos professores, o papel do professor na orientação sexual é ajudar e transmitir informações objetivas que irão ajudar a esclarecer dúvidas sobre as mudanças do corpo, a necessidade de sexo seguro para evitar gravidez precoce e doenças sexuais, desmetificar tabus e preconceitos. Além dessas questões

entra também a proteção contra abusos, homofobia, conhecer seu corpo e valorizar a saúde e fazer com que o aluno entenda que essas mudanças são necessária para a sua formação como cidadão.

Um ponto importante do trabalho de orientação sexual é sobre os altos número de abusos de crianças e adolescentes. Segundo dados do MS, somente em 2019, o Disque 100 registrou 28.730 denúncias de violências sexual comprovadas contra crianças e adolescentes no Brasil. Em 2020 foram 26 mil denúncias que de acordo com a ministra Damares Alves a diminuição das ligações se dão por causa da Covid-19 e as crianças estavam em casa e não na escola, pois segundo ela as maiores denúncias vem da escola (BRASIL, 2021).

Quando o aluno não recebe as informações necessária dentro de casa, o professor acaba se tornando a pessoa que tem o espaço para falar do assunto com seus alunos. Como citado no tópico 4.1.5, é necessário ter um diálogo entre o aluno e o professor, para que seja estabelecido confiança entre ambas as partes. Isso fará com que os alunos que passam ou já passou por situações de violencia sexual ou que estão com dúvidas referentes a outras questões tenham a coragem e espaço para falar do assunto em particular com o professor.

Em relação a família, muitas das vezes por não se sentirem a vontade ou por outro motivo não falarem com seus filhos sobre o assunto, a escola pode realizar trabalhos que envolvam ambas as partes. De acordo com a LDB em seu Art. 13 prevista no inciso VI cita a responsabilidade do docente em colaborar com atividade de articulação da escola com as famílias e a comunidade (BRASIL, 1996).

Esses desafios que envolvem sexualidade devem ser superados tanto pela escola como pela família para que os mais necessitados de explicação que são as crianças e adolescentes não se prejudiquem e não fiquem sem as devidas informações.

4. 1. 7 De acordo com seu relacionamento com os pais dos alunos, você acha que eles concordariam que os filhos estudassem sobre sexualidade?

A responsabilidade da família em educar é muito grande, por isso a mesma não dá conta de formar para todos os desafios humanos, nesse momento entra outras instituições como a escola, que no desenvolvimento do seu trabalho diário, acrescenta à educação já iniciada pela família, outros conteúdos, conceitos e conhecimentos a fim de humanizar e formar o cidadão ou pelo menos deveria ser desta forma, segundo

os discursos que divulgam a educação atual (SILVA, 2016).

Na maioria dos casos os pais dos alunos não tem a preocupação de fazer um acompanhamento na escola para conversar com os professores sobre o desempenho de seus filhos. Porém, na escola o professor acaba sendo a figura que possui um maior contato com os pais dos alunos, e ao questionar seu ponto de vista quanto a aceitação dos responsáveis em seus protegidos receber informações sobre sexualidade em sala de aula, a maioria pontuou que os pais ou responsáveis dos alunos não aceitariam.

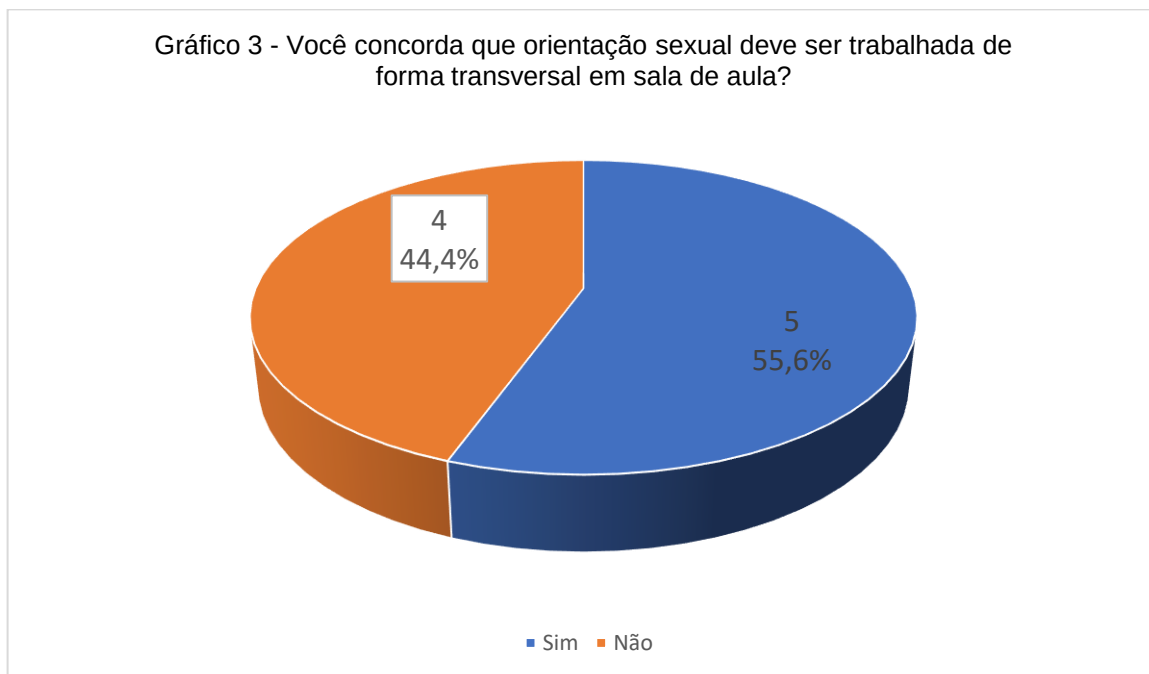
Dentre as respostas analisadas duas foram diferentes, um respondente disse que seria um divisor de águas levar esse assunto para sala de aula mas que ainda é um tabu tanto para os pais como para os professores. Uma outra resposta foi a seguinte:

“Sempre encontramos resistência quanto a isso pelo fato de alguns dos pais também não terem uma orientação e confundirem o termo. Mas creio que a maioria apoiaria se antes pudessem ser informados de como isso ocorre em sala de aula.”

É comum confundirem o termo orientação sexual trazido pelos PCN's com o termo orientação sexual utilizado pela comunidade LGBTQIA+ que refere-se ao seu tipo de atração sexual ou emocional. O objetivo da Orientação sexual utilizando como base os PCN's não é incentivar quaisquer pratica sexual, e sim esclarecer e levar conhecimento para crianças e adolescentes sobre saúde; prevenção contra doenças sexuais; evitar gravidez precoce; respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamento; proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos; conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde.

4. 1. 7 Você concorda que orientação sexual deve ser trabalhada de forma transversal em sala de aula?

Aos questionar se orientação sexual dever ser trabalhada com transversalidade, 44,4% dos professores responderam que não e 55,6% responderam que a orientação sexual deve sim ser trabalhada de forma transversal.



Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisar a justificativa dada pelos respondentes, percebe-se que apesar da grande quantidade responder que orientação sexual não deve ser trabalhada de forma transversal, apenas um voltou a reforçar que isso é papel da família. Outros disseram que por não possuírem base de como orientar seus alunos sobre a temática esses assuntos devem ser tratados por um profissional da área, de forma mais ampla e que são necessárias para o crescimento dos alunos. As respostas dos demais mostram que concordam que a transversalidade desse tema em sala de aula é necessária, com destaque para duas respostas.

“Porque a sexualidade hoje assumiu um caráter social. Preconceito, gravidez na adolescência, gênero, dentre tantas outras questões estão presentes na vida do adolescente e ter isso de forma contextualizada promoveria melhores condições de lidar com elas”

“Ajudaríamos muitas crianças e adolescentes a evitarem problemas como abuso, doença sexualmente transmissível e gravidez indesejada”

4. 1. 8 A instituição que você trabalha oferece formação continuada?

A formação continuada é entendida como um processo constante de aperfeiçoamento profissional. Segundo Tozetto (2017) o professor não pode se limitar a conteúdos programáticos, é necessário uma formação continuada para que tenha compreensão do conhecimento em suas múltiplas dimensões.

Dos professores que responderam apenas 2 já participaram de alguma

capacitação ao longo de sua carreira. Ao questionar se a escola oferta alguma formação continuada aos professores, 66,7% responderam que “sim” na área específica de cada disciplina.

Analisando que 7 dos professores responderam que nunca fizeram uma capacitação, nós leva a entender que fica a critério do professor fazer ou não a formação continuada ofertada pela a instituição.

4.1 9 Você aceitaria participar de alguma ação de capacitação e aprimoramento sobre orientação sexual?

As respostas dos professores foram as seguintes:

“Para minha própria experiência, e capacidade de abordar qualquer assunto sobre o mesmo em sala de aula”

“Conhecimento é sempre bom”

“Para ter ferramentas e conhecimento que poderiam ser trabalhados com meus alunos”

“Para me sentir mais segura e respaldada para falar sobre o assunto”
“Valores de conhecimentos”

Analisando os dados coletados, percebe-se que os professores estão abertos a participar de alguma formação continuada na área de orientação sexual. 88,9%, um total de 8 professores aceitariam participar e apenas 11,1 um total de 1 professor se recusaria a participar de formação continuada na área de orientação sexual.

4. 2 Direção, coordenação e orientação educacional

4. 2. 1 Formação e função na escola

A entrevista para esse segundo grupo norteou-se em torno da formação, responsabilidades da sua função, projetos de aperfeiçoamento e capacitação de professores e sua opinião sobre o trabalho de orientação sexual em sala de aula. Esse segundo grupo serão representados por R1, R2, R3 e R4.

Em relação a suas formações e funções, o respondente R1 e R2 responderam que possuem formação em pedagogia e exercem a função de orientação educacional, respondente R3 possui mestrado e exerce a função de coordenador e respondente R4 a pós-graduação.

Sobre as responsabilidades de suas funções dentro da escola:

R1: “Ser porta voz dos alunos direcionados as questões educacionais e socioemocionais”.

R2: “Coordenar os profs. de área de ciências da natureza e ciências exatas; acompanhar a evolução dos alunos; apoiar os professores nas atividades docentes em Sala de aula, no planejamento e nos projetos desenvolvidos na escola. ”

R3: “Supervisão e coordenação da equipe pedagógica e docentes. ”

R4: “Gestão de pessoas, processos e financeiro. ”

4. .2. 2 Você acha que a escola deve trabalhar com orientação sexual?

Ao analisar as respostas, todos concordam que colocar em pauta o trabalho de orientação sexual na escola traz benefícios para os alunos. E todos foram bastantes precisos em suas respostas.

R1: *“Sim. Pois contribui no processo de formação dos alunos”*

R2: *“Sim. O conhecimento só enriquece o ser humano, logo, as informações recebidas, dialogadas e trabalhadas em Sala de aula servirão para formar alunos mais seguros e conscientes de suas responsabilidades. Conhecedores, por que não, do seu corpo, das suas escolhas e das responsabilidades advindas”*

R3: *“Sim. Acredito que trabalhar educação sexual e sexualidade é uma importante ferramenta para se evitar riscos de abusos cometidos contra os próprios alunos em outros ambientes (família e sociedade) ”*

R4: *“Sim, mas não antes de ser discutida amplamente na comunidade escolar”*

As falas dos respondentes evidenciam uma preocupação individual e a necessidade de levar para o espaço escolar a orientação sexual. Apesar disso, não a nada escrito no plano político pedagógico da escola voltado para essa área, talvez, por ser uma escola de padrão mais conservador e de pouco tempo de funcionamento esses possam ser um dos empecilhos de colocar a temática em pauta.

4. 2. 3 Oferta de capacitação e formação para os professores e projetos futuros

Das 4 respostas o respondente R3 respondeu que “não disponibilizamos” cursos para capacitação de professores, os demais afirmaram que “sim”. Segundo o respondente R1 “são ofertados formações que são organizadas pela SEDUC e regional de ensino” e também “Sobre planejamento e execução de aulas, educação inclusiva, tecnologias” de acordo com o respondente R4.

O respondente R2 respondeu que há projetos ofertados sobre “Projeto de Vida”, o respondente R4 disse que há capacitação para utilização da tecnologia na educação.

Sobre se há projetos futuros para aperfeiçoamento de professores, 50% responderam que não há projetos futuros e 50% responderam que existem projetos futuros. Percebe-se uma divergência de resposta nesse segundo grupo sobre a mesma questão.

4. 2. 4 Na escola há projetos sobre temas relacionados a Sexualidade?

Trabalhar com sexualidade como dita por alguns dos respondentes ainda é uma tarefa desafiadora por conta do tabu e por ser um tema que requer um preparo e domínio do assunto. Ao analisar as 4 respostas, todos afirmaram que não existem projetos relacionados a sexualidade, onde o R1 diz que “essa temática ainda é um desafio na escola”.

Foi feita uma leitura do atual PPP da escola, no qual não foram encontrados nenhuma atividade que envolva um tema sobre sexualidade, seja sobre saúde dos alunos ao corpo humano. Acreditamos que esses temas podem ser comentados em uma série específica numa perspectiva apenas do corpo biológico e não incluindo a dimensão da sexualidade, sendo limitada apenas pelos professores de ciências e biologia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos dados analisados da pesquisa, apesar da sexualidade está presente no cotidiano escolar, e muitos dos professores reconhecerem a necessidade de falar sobre o assunto com os alunos, mostram que eles não se sentem preparados para abordarem e assumirem esse papel de levar a orientação sexual para sala de aula.

Alguns professores consideram esse papel uma função da família, pensamento esse que devem ser mudados considerando que dentro da escola é o ambiente onde muitas das manifestações da sexualidade surgem, sejam durante as rodas de conversas, desenhos e frases com teor sexuais escritas nas carteiras e paredes, e palavras ofensivas dirigidas aos colegas.

Os professores devem estar preparados para lidar com tais atitudes, deixando de lado o pessoal e reconhecer a importância de dialogar com seus alunos sobre o assunto. Para isso os citados profissionais precisam se qualificar, abrir espaço para que seus alunos se sintam seguros, devem pesquisar e analisar a melhor maneira de abordar o assunto sem se tornar invasivo e sempre respeitando cada fase de desenvolvimento.

É claro que para que esse trabalho tenha resultados positivos, é necessário incluir a família e sempre informar os responsáveis a forma que será trabalhado. Essas duas instituições, família e escola, devem estar em harmonia para que não ocorra empecilhos ou transtorno durante o trabalho, e sempre lembrar que ambas possuem seus devidos papéis nessa tarefa, e nunca deixar exclusivamente somente para uma.

Tanto os professores como toda a comunidade escolar devem estar preparados para essa função. As falas da grande maioria dos participantes da pesquisa mostram a preocupação e reconhecimento da importância da orientação sexual no ambiente escolar, então porque não colocar em pauta esse assunto?

Realização de trabalhos coletivos e discussão em conjunto sobre a importância do tema são essenciais para realização de um trabalho que trará resultados positivos. É necessário ainda desmitificar tabus de toda sociedade sobre o tema.

Sabemos que os professores devem estar preparados para conversar com seus alunos sobre questões da sexualidade, esse preparo pode ser feito já na graduação. Na oportunidade foi feita uma leitura do PPC do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do *campus* Araguatins, no qual na nova grade curricular tem a

disciplina de Educação para a Diversidade que inclui em sua ementa a “Relação de Gênero e Diversidade Sexual”, na disciplina de Psicologia da educação também é retratado as fases do desenvolvimento humano, onde são trabalhadas as diversas mudanças de comportamentos da crianças e adolescente. Essas disciplinas já trazem um certo preparo dos futuros docentes em lidar com seus alunos.

É importante ressaltar a dificuldade na coleta de dados dos professores. Apesar de escolher uma coleta online afim de não interferir presencialmente os participantes e por respeitar os protocolos necessários, percebe-se uma certa indiferença e falta de interesse dos participantes em colaborar com a pesquisa que é sobre sua atuação como docente. Subentende-se que pode ter sido motivado pelo tabu ainda existente na sociedade quando se trata de sexualidade.

De acordo com os resultados apresentados, almeja-se que as escolas (não só a escola campos da pesquisa), incluam em seu PPP e ponham em pratica trabalhos de orientação sexual, os professores estejam abertos a participarem de aprimoramento profissional, a família possua o hábito de conversar com suas crianças e adolescentes sobre o assunto, para assim, futuramente se tornarem adultos responsáveis e maduros para exercerem sua sexualidade de forma segura e com conhecimento para repassar para os demais.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Estudos Feministas**. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021

ANACHE, A. A. Psicologia Escolar especial: versões, inserções e mediações. In: Claisy Maria Marinho-Araujo(org.). **Psicologia Escola: pesquisa e intervenção**– Brasília, v.23, n.1, p.73-93, mar.2010. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485895/Psicologia+Escolar+pesquisa+e+interven%C3%A7%C3%A3o/3f9bf8a9-619f-40e4-a275-d7b77d1bef96?version=1.3>. Acesso em: 11 abr. 2021.

Boa Saúde. **Educação Sexual X Orientação sexual**. Boa Saúde, Belo Horizonte, 23 abr. 2021. Disponível em: <https://www.boasaude.com.br/artigos-de-saude/3745/-1/educacao-sexual-x-orientacao-sexual.html>. Acesso em: 3 abr. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017.

_____. LDB: **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei N° 9.394/1996.

_____. **Ministério da Saúde**. Campanha visa reduzir altos índices de gravidez precoce no Brasil. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/fevereiro/campanha-visa-reduzir-altos-indices-de-gravidez-precoce-no-brasil>. Acesso em: 18 abr. 2021.

_____. **Ministério da Saúde**. Governo lança programa de enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2021/05/governo-lanca-programa-de-enfrentamento-da-violencia-contra-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 05 jan. 2022.

_____. **Ministério da Saúde**. Ministério lança dados de violência sexual contra crianças e adolescentes. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/ministerio-divulga-dados-de-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 05 jan. 2022.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: (PCNs)**. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Orientação Sexual**. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. LDB: Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei N° 9.394/1996.

. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. MEC, 2019. Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiXrrbhhr71AhWZqpUCHbZqDocQFnoECA4QAw&url=http%3A%2F%2Fbasenacionalcomum.mec.gov.br%2Fimages%2Fimplementacao%2Fcontextualizacao_temas_contemporaneos.pdf&usg=AOvVaw3cfX9DIW6gGGB2GIXLzRqH. Acesso em: 10 dez. 2021

BROL, I. S. MARTELLI, A. C. Abordagem da sexualidade nas formações continuada de professores e professoras da rede básica de ensino. **Revista Ártemis**, v. xxv, n. 1, p.274-291, jan./jan. 2018. Disponível em:

<https://search.proquest.com/openview/cf1263ad7d0b7841a20a8c4b8b193c33/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>. Acesso em: 16 abr. 2021

CANDAU, V. M. F. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Revista Cadernos de Pesquisa**, v.46, n.161, p.802-820, jul./set. 2016. DOI:

<https://doi.org/10.1590/198053143455>. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-15742016000300802&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 11 abr. 2021.

CÂMARA, C. S. **Vulnerabilidade dos adolescentes a transmissão sexual do HIV/AIDS: uma análise no contexto do programa Saúde na Escola**. 2012.

Dissertação (Mestrado em saúde da criança e adolescente) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012. Disponível em:

[file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/sheila_cyrino_camara%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/CLIENTE/Downloads/sheila_cyrino_camara%20(2).pdf). Acesso em: 18 abr. 2021.

CARVALHO, A. M. P. GIL-PÉRES, D. **Formação de professores de ciências: tendências e inovações**. Questões da nossa época, v.4, 10. ed. São Paulo, Ed. Cortez Editora, 2011.

FIGUEIRÓ, M. N. **Formação de Educadores Sexuais: adiar não é mais possível**. 2. ed. Londrina, Ed. Edruel, 2006.

CMTO-LA SALLES. **Projeto Político Pedagógico** – PPP. Secretaria da Educação, Juventude e Esportes. Augustinópolis – TO, 2020/2021.

CURY, A. J. **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro, Ed. Sextante, 2018. ISBN: 978-85-431-0272-6.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. **Revista Linhas**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2007. Disponível em:

<https://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>. Acesso em: 22 abr. 2021.

FILHA, C. X. Educação para a (s) sexualidade (s): carregar água na peneira.

Revista Diversidade e Educação, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 16–39, 2018. DOI: 10.14295/de.v5i2.7865. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/7865>. Acesso em: 1 abr. 2021.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque, São Paulo, ed. Paz & Terra, 2014.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade Análise fragmentaria de uma histeria (“o caso Dora”) e outros textos (1901 – 1905)**. In: Paulo César de Souza (trad.). *Obras Completas*, v.6, ed.1, São Paulo: Campanha de Letras, 2016. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14199.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

GESSER, M. *et al.* Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia escolar e educacional**, São Paulo, v.16, n.2, jul./dez. 2012. 229-236. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v16n2/a05v16n2.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, Ed. Atlas S.A, 2002.

GONÇALVES, R. C. FALEIRO, J. H. MALAFAIA, G. **Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios**. HOLOS, Ano 29, v. 5, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/193797893.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2021.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Augustinópolis. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/augustinopolis/panorama>. Acesso em: 09 dez. 21.

ILHA, P. V. *et al.* A intervenção no ambiente escolar utilizando a promoção da saúde como ferramenta para a melhoria da saúde como ferramenta para a melhoria do ensino. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.16, n.03, p.35-53, set./dez. 2014. DOI:<https://doi.org/10.1590/1983-21172014160302>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1295/129532893003.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2021

JARDIM, D. P. BRÊTAS, J. R. S. Orientação Sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira – SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, mar. /mar. 2006, 59(2): 157-62. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672006000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 3 abr. 2021.

LEÃO, A. M. C. RIBEIRO, P. R. M. BEDIN, R. C. Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. **Revista Linhas**, Florianópolis, v.11, n.1, p.36-35, jan. /Jan. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2015>. Acesso em: 7 abr. 2021.

LEÔNCIO, J. M. M. A Orientação Sexual nas Escolas a partir dos Parâmetros curriculares Nacionais: educação, gestão e sociedade. **Revista da Faculdade Eços de Queiros** (estado), Ano 3, nov.2013, ISSN 2179-9636. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509155531.pdf. Acesso em: 16 abr. 2021.

LIBÂNEO, J. C. Formação de professores e didática para o desenvolvimento humano. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.40, n.2, p.629-650, abr./jun. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623646132>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362015000200629&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 11 abr. 2021

LÜKDE, M, ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 2013.

MOIZÉS, J. S. BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores e professoras do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.44, n.1, p.205-212, 2010. DOI: 44(1):205-12 www.ee.usp.br/reeusp/. Disponível em: https://repositorio.usp.br/bitstream/handle/BDPI/3132/art_MOIZES_Compreensao_sobre_sexualidade_e_sexo_nas_escolas_2010.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 abr. 2021.

NOGUEIRA, N, S. *et al.* **Educação Sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas m sala de aula pelos educadores**. HOLOS, São Paulo, ano 32, v.3, 2016. DOI: 10.15628/holos.2016.23.02. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481554866024.pdf>. Acesso em: 3 abr. 21

OLIVEIRA, L. G. URBAN, A. C. **Gênero e sexualidade na escola: uma abordagem sobre a complexidade na pratica pedagógica para professores só ensino médio**. Cadernos PDE, Paraná, v.1, 2016. ISBN: 978-85-8015-093-3. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_hist_ufpr_lucianagaragnani.pdf. Acesso em: 18 abr. 2021.

OLIVEIRA, V. L. B. Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. In: Mary Neide Damico Figueiró (org.). **Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum** - Londrina, 2019, p. 173-189. Disponível em: http://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Multiplos_Temas.pdf. Acesso em: 10 dez. 2021.

PALMAS, Y. A. *et al.* **Parâmetros curriculares nacionais: um estudo sobre orientação sexual, gênero e escola no Brasil**. Temas em Psicologia, v.22, n.3, 2015. DOI: 10-9788/TP/2015.3-16. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300016. Acesso em: 7 abr. 2021.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RIZZA, J. L. Produzindo olhares sobre sexualidade em política pública educacionais. In: RIBEIRO, P. R. C. MAGALHAES, J. C. **Debates Contemporâneos sobre Educação para Sexualidade** – Rio Grande: Ed. Da Furg, 2017. Disponível em: http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/7097/debates_contemporaneos_educacao_sexualidade.pdf?sequence=1. Acesso: 11 abr. 2021.

RODRIGUES, C. P. WESCHSLER, A. M. **A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil**. Cadernos de educação: ensino e sociedade, bebedouro – SP, 1[1]: 89-104, 2014. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074026.pdf>. Acesso em: 3 de maio 2021.

SÁ-SILVA, R. J. Ações docentes em educação sexual nas escolas. **Revista Pesquisa em foco**, São Luís. v.20, n.1, p.3-12, 2015. ISSN: 2176-0136. Disponível em: https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/915/727. Acesso em: 18 abr. 2021.

SAYÃO, R. Saber o sexo? Os problemas da Informação sexual e o papel da escola. In: Julio Groppa Aquino (org.) **Sexualidade na Educação. Alternativas teóricas e práticas** – São Paulo, 1997, p. 97-106. 4º ed. São Paulo, Ed. Summus, 1997. ISBN: 8532305938. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=w8bedwPuSnIC&oi=fnd&pg=PA1&dq=sexualidade+na+escola&ots=zgtFbBDHOj&sig=nsefx1G-wLI5a30jDDSMdA2X2fM#v=onepage&q=sexualidade%20na%20escola&f=false>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SAYÃO, YARA. Orientação Sexual na Escola: os territórios possíveis e necessários. In: Julio Groppa Aquino (org.) **Sexualidade na Educação. Alternativas teóricas e práticas** – São Paulo, 1997, p. 107-118. 4º ed. São Paulo, Ed. Summus, 1997. ISBN: 8532305938. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=w8bedwPuSnIC&oi=fnd&pg=PA1&dq=sexualidade+na+escola&ots=zgtFbBDHOj&sig=nsefx1G-wLI5a30jDDSMdA2X2fM#v=onepage&q=sexualidade%20na%20escola&f=false>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SEMIS, L. "Gênero" e "orientação sexual" têm saído dos documentos sobre Educação no Brasil. Por que isso é ruim? **Nova Escola**, abr. 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4900/os-termos-genero-e-orientacao-sexual-tem-sido-retirados-dos-documentos-oficiais-sobre-educacao-no-brasil-por-que-isso-e-ruim>. Acesso em: 22 abr. 2021.

SILVA, K. F. **Pedagogia da Sexualidade: o papel do professor**. 2016. Monografia (Curso de pedagogia) – Universidade Federal de Paraíba, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4317/1/KFS22112016.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SOUZA, M. E. K. F. CRISOSTIMO, A. L. **Formação continuada de professores sobre o tema corpo e sexualidade no contexto escolar**. 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2048-8.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

TOZETTO, S. S. **Docência e Formação Continuada**. EDUCERE. XIII Congresso Nacional de Educação. Paraná, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23503_13633.pdf. Acesso em: 18 dez. 2021.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de autorização e consentimento livre e esclarecido- TCLE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante:

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa intitulado como **ATUAÇÃO DO PROFESSOR EM ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO MILITAR, AUGUSTINÓPOLIS, TOCANTINS, BRASIL**, cujo pesquisador responsável é **PEDRO HENRIQUE VIEIRA DA SILVA**, acadêmico do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IFTO- Campus Araguatins, orientado pela Prof.(a) Me. Maria Josinete Araújo Costa .

A pesquisa terá como objetivo Analisar as habilidades e competências dos professores lotados no contexto

do Colégio da Polícia Militar (CPM) de Augustinópolis-TO, para trabalhar o tema transversal de Orientação Sexual junto aos alunos de Ensino Fundamental.

Esclarecendo que o objetivo da Orientação sexual não é incentivar quaisquer prática sexual, e sim esclarecer e levar conhecimento para crianças e adolescentes sobre saúde; prevenção contra doenças sexuais; evitar gravidez precoce; respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamento; proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos; conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde.

A sua participação é de grande importância para a realização deste estudo, mas O(A) Sr(a). tem de plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa.

Caso aceite participar, todas as informações que o(a) Sr.(a) nos fornecer serão utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo.

O(a) senhor(a) ao aceitar participar da pesquisa deverá:

Responder ao questionário on-line. Caso o (a) a Sr. (a) não se sentir à vontade ou constrangido com as questões e na exposição da sua prática cotidiana, pode falar ao pesquisador. Sua opinião será respeitada e as dúvidas serão esclarecidas.

Pedro Henrique V. Da Silva
Acadêmico Pesquisador

Assinatura do Participante

Araguatins, TO. 20/09/2021

Apêndice B - Solicitação de autorização para pesquisa acadêmico-científica



SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Através do presente instrumento, solicitamos do Gestor do Colégio da Polícia Militar (CPM), autorização para realização da pesquisa integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do (a) acadêmico (a) Pedro Henrique Vieira da Silva, o título ATUAÇÃO DO PROFESSOR EM ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL DO COLÉGIO MILITAR, AUGUSTINÓPOLIS, TOCANTINS, BRASIL, orientado (a) pelo (a) Profº (a) Mestra Maria Josinete Araújo Costa.

A coleta de dados será feita com aplicação de questionários aos professores e entrevista com diretor, coordenação e orientação educacional. Esclarecemos que a presente atividade é requisita para a conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO), Campus Araguatins. Tendo como objetivo principal Analisar as habilidades e competências dos professores lotados no contexto do Colégio da Polícia Militar (CPM) de Augustinópolis-TO, para trabalhar o tema transversal de Orientação Sexual junto aos alunos de Ensino Fundamental.

Nesse sentido, esperamos contar com a devida autorização e apoio de Vossa Senhoria para a apresentação da proposta aos servidores dessa unidade de ensino e asseguramos que os resultados desse estudo serão publicados, porém a identidade dos participantes será preservada e mantida em sigilo absoluto.

Agradecemos antecipadamente e colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente, Pedro Henrique Vieira da Silva

-Acadêmico Pesquisador-

Email: pedro.silva17@estudante.ifto.edu.br

Maria Josinete Araújo Costa

-Professora Orientadora-

Email: josinete.araujo@ifto.edu.br

De acordo em 14 /09/ 2021

Direção:

(Nome, cargo / carimbo)

Apêndice C – Roteiro para entrevista aos professores

Prezado (a) professores,

O intuito dessa pesquisa é colher informações necessárias para o desenvolvimento do projeto que tem como título: As competências e habilidades do professor para atuar com orientação sexual no ensino fundamental no contexto do Colégio Militar no município de Augustinópolis – TO.

Esclarecendo que o objetivo da Orientação sexual não é incentivar quaisquer pratica sexual, e sim esclarecer e levar conhecimento para crianças e adolescentes sobre saúde; prevenção contra doenças sexuais; evitar gravidez precoce; respeitar a diversidade de valores, crenças e comportamento; proteger-se de relacionamentos sexuais coercitivos; conhecer seu corpo, valorizar e cuidar de sua saúde.

Cabe ressaltar que será resguardado o seu anonimato. Antecipadamente, agradeço sua colaboração.

1- Identificação pessoal e profissional.

Idade: _____ Sexo: () masculino () feminino

Local em que atua _____

Série em que atua _____

Disciplina (as) em que atua _____

Tempo em que atua como professor (a) _____

Tempo em que atua na escola _____

Escolaridade:

() graduação

() pós-graduação

() mestrado

() especialização

() doutorado

Outro _____.

2- CONHECIMENTO DO TEMA E APERFEIÇOAMENTO.

1. Você possui conhecimentos e segurança para trabalhar sobre orientação sexual com seus alunos?

Sim () Não ()

Justifique.

2. Atribua uma nota de 5 a 10 conforme ache importante trabalhar com

3. orientação sexual na sala de aula:

5 () 6 () 7 () 8 () 9 () 10 ()

Justifique sua nota.

4. Você conhece os temas transversais que trabalha com orientação sexual?

Sim () Não ()

5. Quando você é questionado sobre sexualidade por seus alunos como você reage?

6. Em sua opinião, qual o papel do professor na orientação sexual?

7. Como você classifica sua relação com seus alunos?

Boa () Ótima () Regular () Ruim ().

8. De acordo com seu relacionamento com os pais dos alunos, você acha que eles concordariam que os filhos estudassem sobre sexualidade? Justifique.

9. Você concorda que orientação sexual deve ser trabalhada de forma transversal em sala de aula?

Sim () Não ().

Por quê?

10. Cite as principais capacitações que você já participou? (se não participou desconsidere a questão).

11. A instituição que você trabalha oferece formação continuada?

Sim () Não ()

Se sim, qual?

12. Você aceitaria participar de alguma ação de capacitação e aprimoramento sobre orientação sexual?

Sim () Não ()

Por quê?

Apêndice D - Roteiro de entrevista com o diretor, coordenação e orientação educacional.

1. Qual a sua formação?

2. Há quanto tempo você atua nesta escola?

3. Quais as principais responsabilidades da sua função?

4. Você acha que a escola deve trabalhar com orientação sexual? Justifique.

5. A escola disponibiliza aos professores ações para aperfeiçoamento e capacitação? Se sim, qual?

6. Há algum projeto futuro sobre capacitação dos professores?

7. Na escola há projetos sobre temas relacionados a Sexualidade? Se sim, qual?
